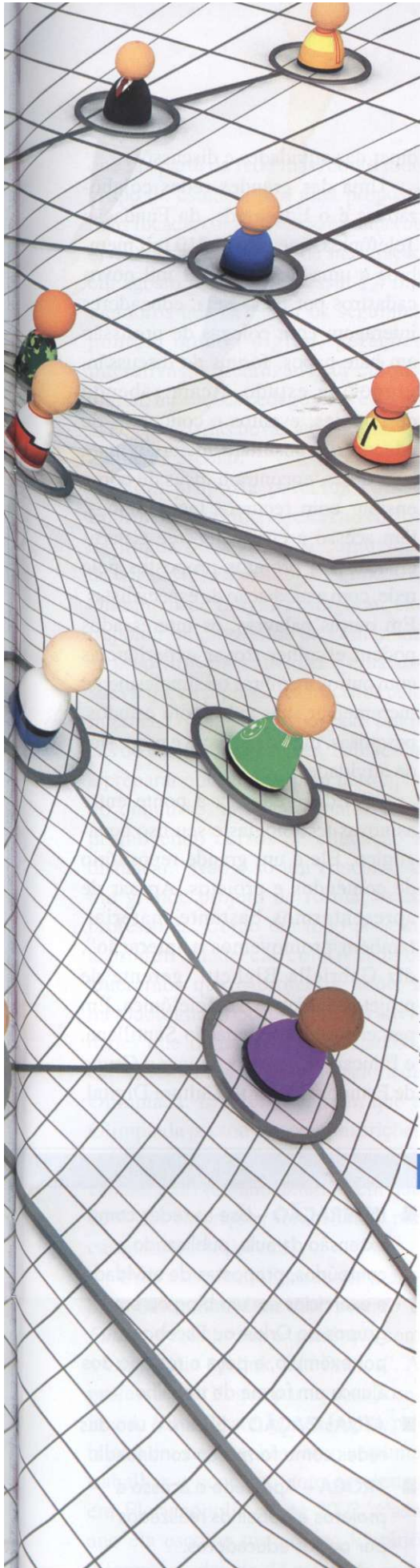


INTERAÇÃO SEM LIMITES

Redes colaborativas *on-line* para professores proporcionam troca de experiências, formação continuada e melhoria das práticas na sala de aula

Carmen Guerreiro



higyouf/Stockphoto

■ Durante muitas décadas, uma das opções de atualização profissional para educadores era o ingresso em um grupo de estudos. Professores com o mesmo interesse de pesquisa conciliavam sua agenda para discutir e trocar experiências com os poucos colegas em reuniões regulares. O eventual conteúdo produzido pelo grupo tinha destino limitado: era possível publicar artigos em revistas acadêmicas e usar a produção de conteúdo em sala de aula, entre outros. Com o advento da tecnologia, os grupos de estudo migraram para a internet - a questão do tempo aparentemente havia sido resolvida. Mas e as outras questões?

E se fosse possível debater diversos temas ao mesmo tempo, trocar experiências com milhares de pessoas do país e do mundo inteiro, divulgar práticas, participar de equetes e ter acesso a notícias? As redes colaborativas, uma versão digital e ampliada dos grupos de estudo presenciais, oferecem essas possibilidades. Abrigadas em grandes portais gratuitos, trazem não só novas ferramentas para trabalhar os conteúdos dentro e fora da sala de aula, mas também oportunidades diversas de formação, seja por meio de pesquisa, cursos *on-line*,

troca de experiências ou outras formas de produção de conhecimento em rede com outros professores.

O Educarede e a comunidade virtual Escrevendo o Futuro, da Olimpíada de Língua Portuguesa, por exemplo, criam um espaço *on-line* para professores de qualquer lugar do mundo e diferentes contextos sociais, econômicos e geográficos, que podem tanto levar novos conhecimentos quanto se alimentar das informações postadas por colegas. O resultado é coletivo e pode ser utilizado por todos os membros, seja em atividades práticas, seja na produção acadêmica e estudos. Os grupos de estudo *on-line* não morreram (*veja texto abaixo*) e integram esse universo - existem diversos deles dentro de cada rede colaborativa. A diferença é que agora as opções de interatividade são mais diversificadas e os professores podem participar de vários grupos simultaneamente, pois a atividade demanda menos tempo e pode ser desenvolvida com mais pessoas.

"Em uma rede colaborativa, o participante lida com um público mais próximo do seu interesse. Entramos nela com a intenção de obter e fornecer informações sobre determinado tema de nosso interesse. O ideal é

GLOSSÁRIO

REDE COLABORATIVA Rede temática formada por pessoas com interesses em comum dentro do mesmo contexto ou profissão. Membros podem interagir, trocar experiências sobre o tema e ter acesso a conteúdos de formas mais diversificadas do que em redes sociais. Interação dos membros resulta em produção de conteúdo, que pode ser usada na teoria e na prática da profissão. Voltada ao uso profissional.

REDE SOCIAL Teia de relacionamentos que integra pessoas com propósitos diversos. Não existe compromisso em geração de conteúdo e conhecimento. Uso mais voltado à vida pessoal.

GRUPO DE ESTUDO Virtual ou não, é um espaço restrito de estudo de um assunto específico com conteúdo e linha de pesquisa preestabelecidos. Hoje já é possível incluir diversos grupos de estudo dentro de uma rede colaborativa.



Divulgação

Docentes em evento da Olimpíada da Língua Portuguesa: rede colaborativa

quando ocorrem as duas coisas", explica o físico José Carlos Antônio, especialista em educação a distância e no uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação. Professor do ensino médio há 27 anos, ele afirma que nas redes colaborativas os educadores podem também prospectar sugestões de materiais que podem usar e obter respostas para dúvidas frequentes - tanto em relação a atividades quanto ao relacionamento com os alunos. "Além disso, é um ambiente com pares que vivem a mesma realidade e que podem dar suporte psicológico e

afetivo. É muito comum nessas redes alguém entrar para desabafar ou se queixar de algo, e todos se juntam para ajudar", afirma.

Caminhos

Para ingressar em uma rede como essa, o educador precisa se cadastrar gratuitamente no site que desejar, preenchendo seus dados e, em geral, montando um perfil virtual. Em geral existem muitas possibilidades de interação nessas redes - o ideal é começar explorando todos os conteúdos disponíveis para depois decidir como parti-

cipar das atividades e discussões.

Uma das grandes redes colaborativas é o Educarede, da Fundação Telefônica, que possui 210 mil membros e uma média de 1,2 mil novos cadastros por mês. Nela, educadores interagem com colegas de profissão em bate-papos, fóruns de discussão, grupos de estudo, ficam sabendo de notícias, eventos e concursos de educação, consultam materiais para suas aulas, encontram dicas de como ensinar com recursos tecnológicos, têm acesso a cursos *on-line* e participação em projetos propostos pela rede, com a mediação de especialistas. Em outras palavras, os interessados podem escolher trocar experiências com outros membros ou simplesmente incrementar suas aulas com estudos, pesquisas, materiais, dicas e propostas de atividades.

"O Educarede faz a ponte entre as novas tecnologias e seu uso pedagógico. Ele é um grande repositório de conteúdos e projetos. Apesar de apresentarmos bastante material, também promovemos a interação", diz Gabriella Bighetti, gerente de projetos da Fundação Telefônica. Em parceria com a Fundação Santillana, o Educarede acaba de lançar o Grupo de Estudos Educar na Cultura Digital,

COMO INTERAGIR NA REDE?

- **CADASTRO** – Para os marinheiros de primeira viagem, o melhor é começar com objetivos pessoais e depois migrar para redes com objetivos profissionais.
- **SELEÇÃO** – Escolha, então, as redes compatíveis com seus interesses profissionais e comece a formar uma rede de contatos.
- **FOCO** – Organize sua experiência de rede, tempo de dedicação e prioridades, sem se preocupar

em acompanhar tudo o que é discutido ou publicado.

- **DIRECIONAMENTO** – Estabeleça o que quer obter a partir de sua experiência na rede, e passe a se dedicar aos debates e reflexões que de fato podem reverter em melhoria do ensino.
- **POTENCIALIZAÇÃO** – Aproveite o acesso a conteúdo qualificado e a discussões aprofundadas.

- **INTERAÇÃO** – Use as redes como extensão da aula, publicando conteúdos, propostas de atividade e exercícios em um blog ou em grupos do Orkut ou Facebook, por exemplo, e peça o retorno dos alunos em forma de trabalho.
- **ATUALIZAÇÃO** – Encare o uso das redes como formação continuada.
- **TROCA** – Aproveite o acesso a projetos e trabalhos realizados por outros educadores.

que faz parte da rede mas, como todo grupo de estudos, tem uma proposta mais focada, com conteúdo e pautas de discussão definidos. Desde sua criação em agosto, o grupo já possui 1,4 mil membros que debatem os seguintes pontos: mundo digital, gerações interativas, aprendizado na cultura digital, inovações pedagógicas e como avaliar o uso das novas tecnologias no ambiente escolar.

Com proposta parecida com o Educarede, mas foco apenas no ensino da língua portuguesa, a comunidade virtual *Escrevendo o Futuro*, da Olimpíada de Língua Portuguesa, extrapolou os propósitos da Olimpíada ao propor diversas atividades e discussões entre os professores inscritos pela internet. O objetivo é expor boas práticas do ensino de português, debatê-las e preparar educadores para participar do concurso, enviando materiais e promovendo cursos de educação a distância. "Não é só um concurso, é um grande projeto de formação de professores. Como em todo projeto, a produtividade cai com o tempo. Queremos que o professor adote a metodologia proposta. Criamos atividades que os mantém estimulados", explica Sônia Madi, coordenadora da Olimpíada. Em 2009, ano em que a Olimpíada passou a aceitar inscrições pela internet, 141,8 mil professores se cadastraram (no ano anterior, em que 80% das inscrições foram feitas por carta, foram 130,4 mil).

Uma das possibilidades aos membros da comunidade *Escrevendo o Futuro* é relatar sua experiência com a Olimpíada no link "Na Prática". A professora de língua portuguesa Josefina da Silva Pisani, por exemplo, publicou um artigo sobre como costuma trabalhar o concurso com os alunos em Florianópolis desde 2002. Cada ano ela escolhe um gênero literário diferente e, depois de estudá-lo com

os jovens, os incentiva a se inscrever na Olimpíada e em outros concursos. "Não é a premiação que motiva, mas o processo e o diálogo", afirma em seu depoimento. Em outro link da comunidade, o fórum "A produção de texto a partir do estudo de gêneros", criado em julho de 2010, soma 500 acessos e 43 comentários de educadores. São trocas de experiências, relatos de dificuldades ou pedidos de ajuda aos colegas.

Alunos e professores

Uma variação das redes colaborativas são as redes sociais focadas em educação, como o *Eu no Enem*, lançado neste ano pela Escola 24 Horas, empresa especializada em ensino pela internet. Com quase 15 mil membros, a rede social reúne estudantes que devem fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e seus professores. Os alunos podem fazer grupos de estudo e tirar dúvidas *on-line*, além de também mandar perguntas para professores e ter redações corrigidas. "Na medida em que trocamos e debatemos ideias novas, geramos conhecimento", explica Luzia Regina Alves, diretora de produtos da Escola 24 Horas. A blogueira e professora de história Lillian Starobinas, da Escola Vera Cruz, aponta a principal diferença entre as redes sociais e as colaborativas: nas primeiras, não existe o objetivo de construir conhecimento, por mais que isso seja uma possibilidade. "As redes sociais passam pelo comentário do que está acontecendo no dia a dia. As comunidades práticas trazem pessoas que se reúnem em determinado espaço para a execução de um objetivo em comum", analisa.

SAIBA MAIS:

www.educarede.org.br

<http://escrevendo.cenpec.org.br>

www.eunoenem.com.br



“ Utilizo a comunidade *Escrevendo o Futuro* porque participei da Olimpíada de Língua Portuguesa. Tenho Orkut e lá 80% dos meus amigos são alunos. Tudo isso é muito novo para nós, educadores. Ao participar das redes, abrimos um novo universo de possibilidades. O contato com outros profissionais faz com que percebamos que eles têm dificuldades similares. Aplicamos conselhos de colegas, aprendemos novas estratégias de ensino e também discutimos metodologia. No momento de elaborar uma aula ou prova, percebemos o reflexo do uso das redes. Alguns professores, principalmente os que ensinam há mais tempo, têm certa resistência à internet. Acredito que é um erro porque os adolescentes estão em constante contato com o que está na rede e o professor que não usa isso tem prejuízo no seu trabalho. ”

João Amauri, professor de língua portuguesa nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio do Colégio Estadual Eurico Batista Rosas. Ponta Grossa (PR)